



Trilha da Borboleta

(Trilha do Finado Belo)



Características da trilha

Esta trilha atravessa diferentes formações de restinga:

Trecho 1 (extensão: 250 metros): aqui você percorre um trecho de vegetação em regeneração, afetada no passado por desmatamento, movimentação de solo e incêndios florestais.

Trecho 2 (extensão: 850 metros): veja a formação aberta de restinga a sua esquerda (formação em moitas); cruze a floresta de restinga (mais à frente); e passe pelo “Córrego de Fora”, que drena para uma grande planície alagável a sua direita.

Trecho 3 (extensão: 1.840 metros): atravesse uma área de formação arbustiva aberta de restinga, caracterizada por moitas naturais de vegetação, com belas espécies de bromélias, cactos e orquídeas.

Trecho 4 (extensão: 320 metros): trecho final, em floresta de restinga.

Ao final do trecho 4, retorne ou siga pelo “acesso ao Buraco do Bicho” (extensão: 320 metros).

Histórico



Bulandeira movida por um boi em casa de farinha

Quem cruza a restinga não imagina, mas bem próximo à trilha, no trecho 3, viveram inúmeras famílias: de Belo Paixão, Graciolino e dona Malvina, Antônio Soares e D. Clara, dentre outras. Havia, nesta localidade, uma casa de farinha com uma grande “bulandeira”, roda usada para triturar a mandioca, movida por dois cavalos. Dali saíam até 300 sacos de farinha por mês! Em homenagem ao antigo morador, a trilha é também chamada de trilha do finado Belo.

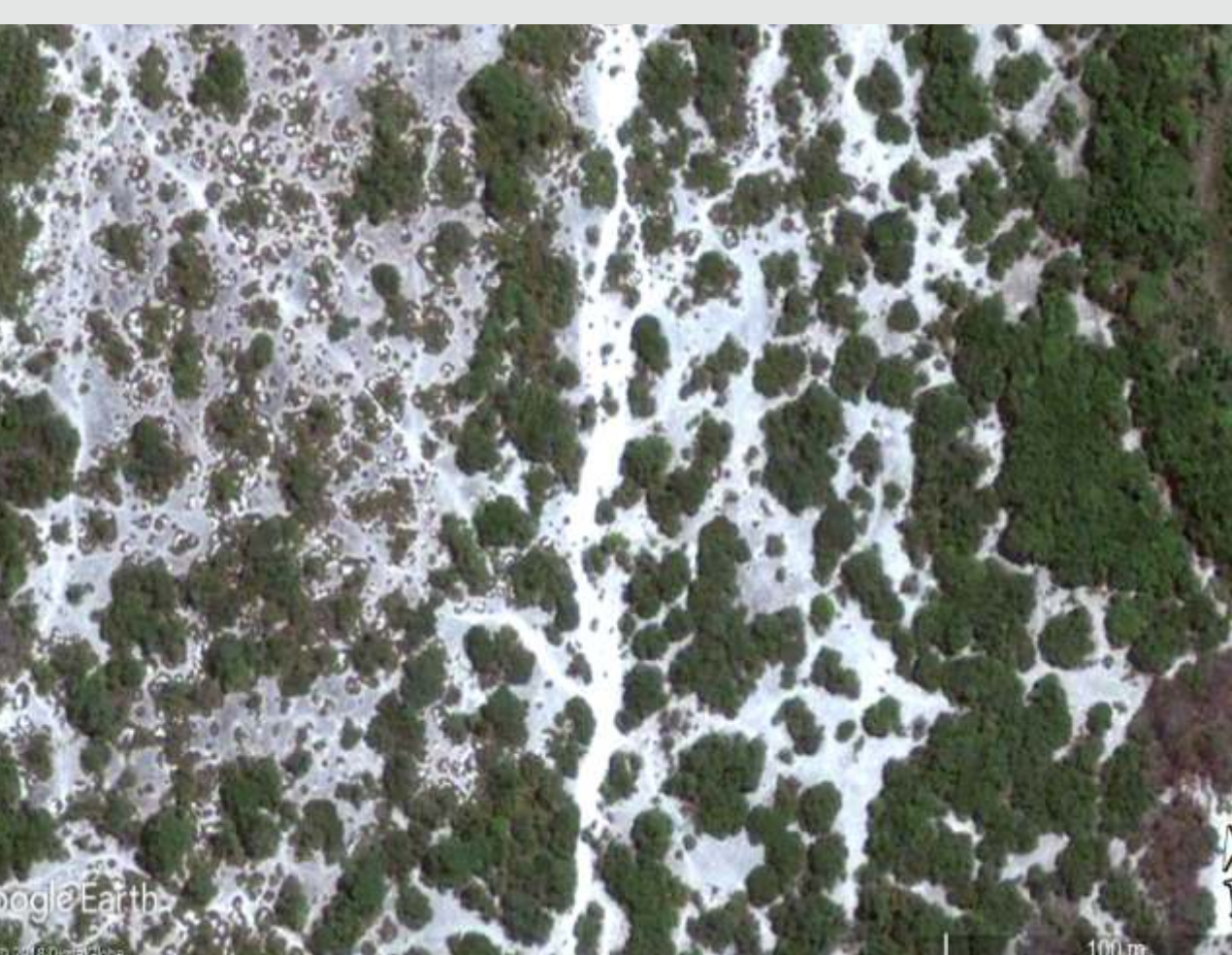
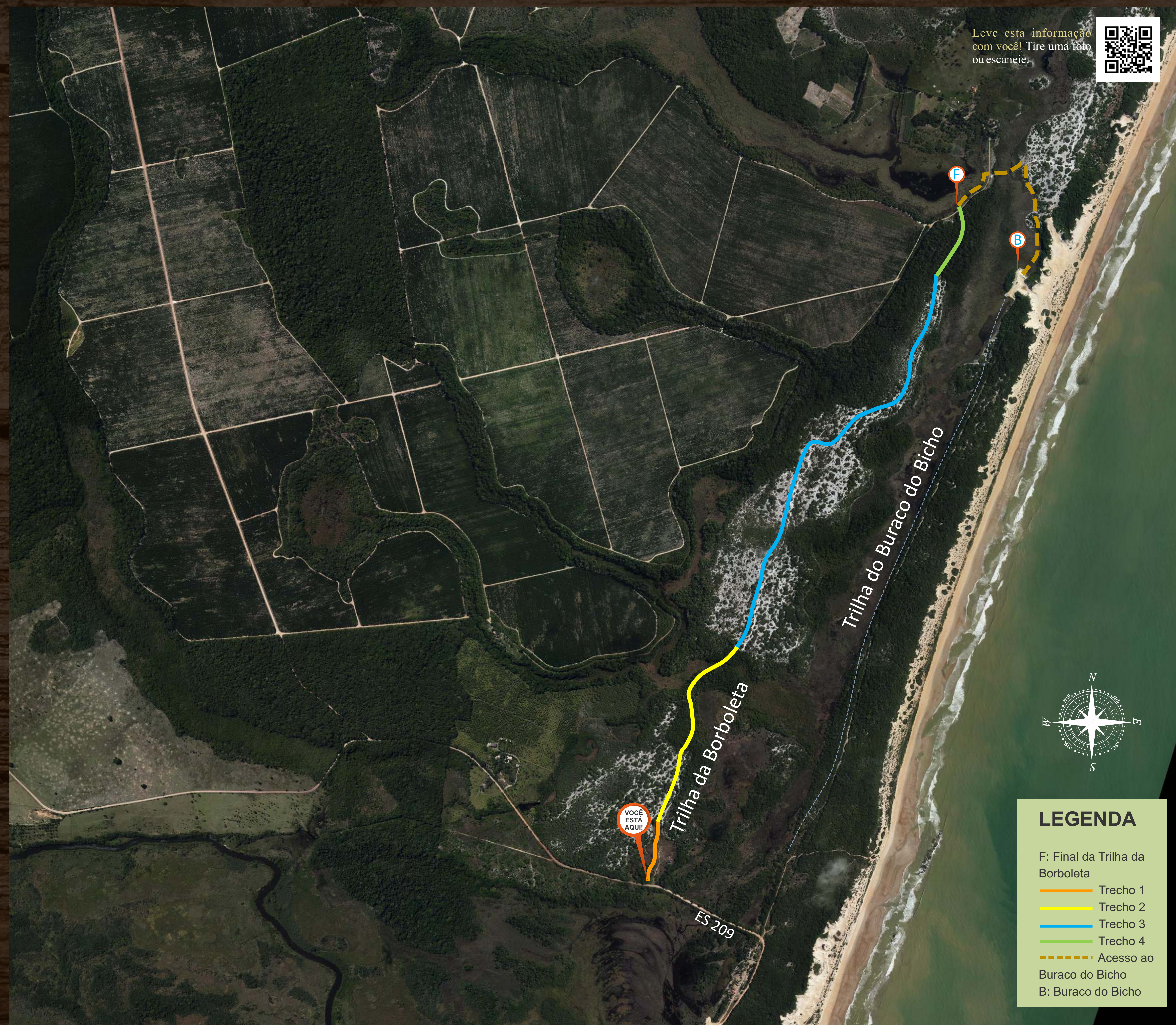


Imagem aérea da restinga



Formação florestal de restinga



Formação aberta de restinga

Informações técnicas

Extensão: 6,5 km (ida e volta)
Tempo aproximado: 3:30h

Terreno: plano e arenoso
Elevação: 6m a 18m.

Dica: Retorne pela trilha do Buraco do Bicho ou pela praia, a distância é quase a mesma. Siga a sinalização!

Atenção:

A formação arbustiva aberta de restinga parece um labirinto, por isso siga sempre a sinalização!



Formação Arbustiva Aberta de Restinga

Trilha da Borboleta

Você está em uma “forma-ção arbustiva aberta” de res-tinga. Suas moitas escondem belos tesouros: bromé-lias, orquídeas, cactos, pal-meiras-anãs e uma grande diversidade de plantas que convivem nestas “ilhas” de vegetação.

O estabelecimento das moi-tas é um processo lento. Poucas espécies conse-guem crescer no solo are-noso nu, onde há pouca água, matéria orgânica e muita insolação.

Espécies chamadas “fa-cilitadoras”, como bro-mélias, cactos e palmei-ras chegam primeiro e criam condições para o estabelecimento de novas plantas ao seu redor.



Leve esta informação com você! Tire uma foto ou escaneie.



O centro das moitas, em geral, abriga árvores maiores, como a clúsia, que você encontrará mais a frente.

Os caminhos de areia formam um labirinto chamado de “entre-moitas”. Esteja atento à sinalização para não se perder!

Moita de vegetação em formação arbustiva aberta de restinga

Espécies comuns neste ambiente



Bico-de-veludo
Schistochlamys ruficapillus



Saí-azul
Dacnis cayana



Rolinha-fogo-pagou
Columbina squammata



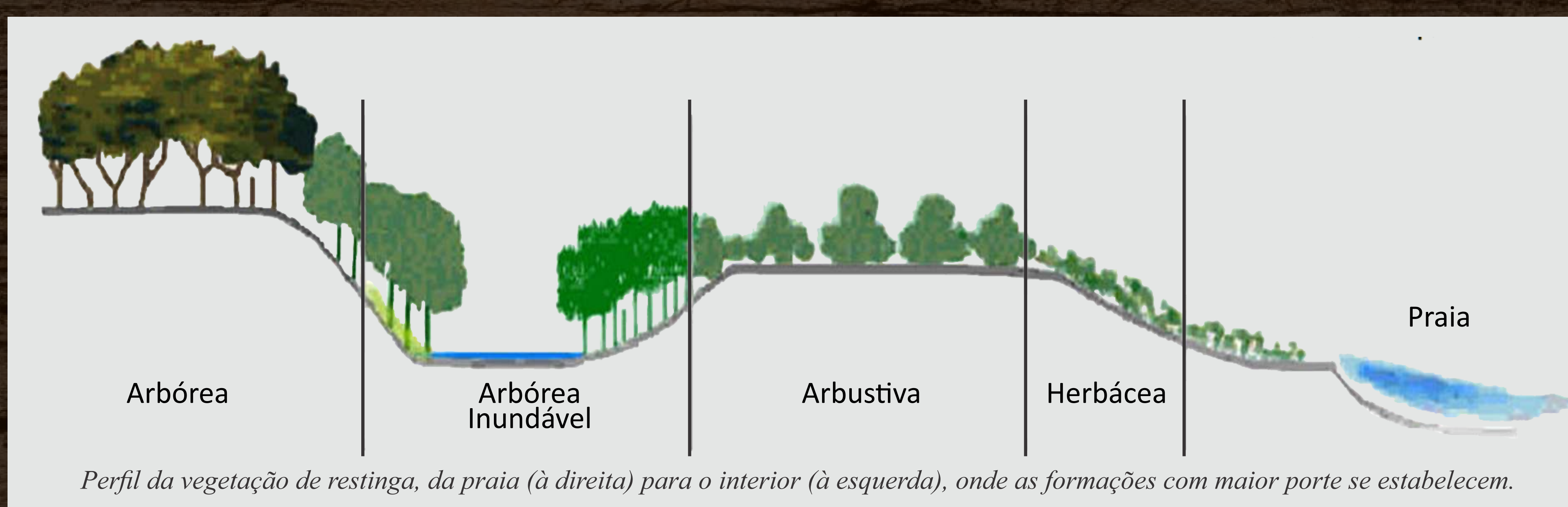
Guaracava-de-barriga-amarela
Elaenia flavogaster



Palmeira-guriri
Allagoptera arenaria



Clúsia
Clusia hilariana



Coroa-de-frade e calango, uma nobre interação!



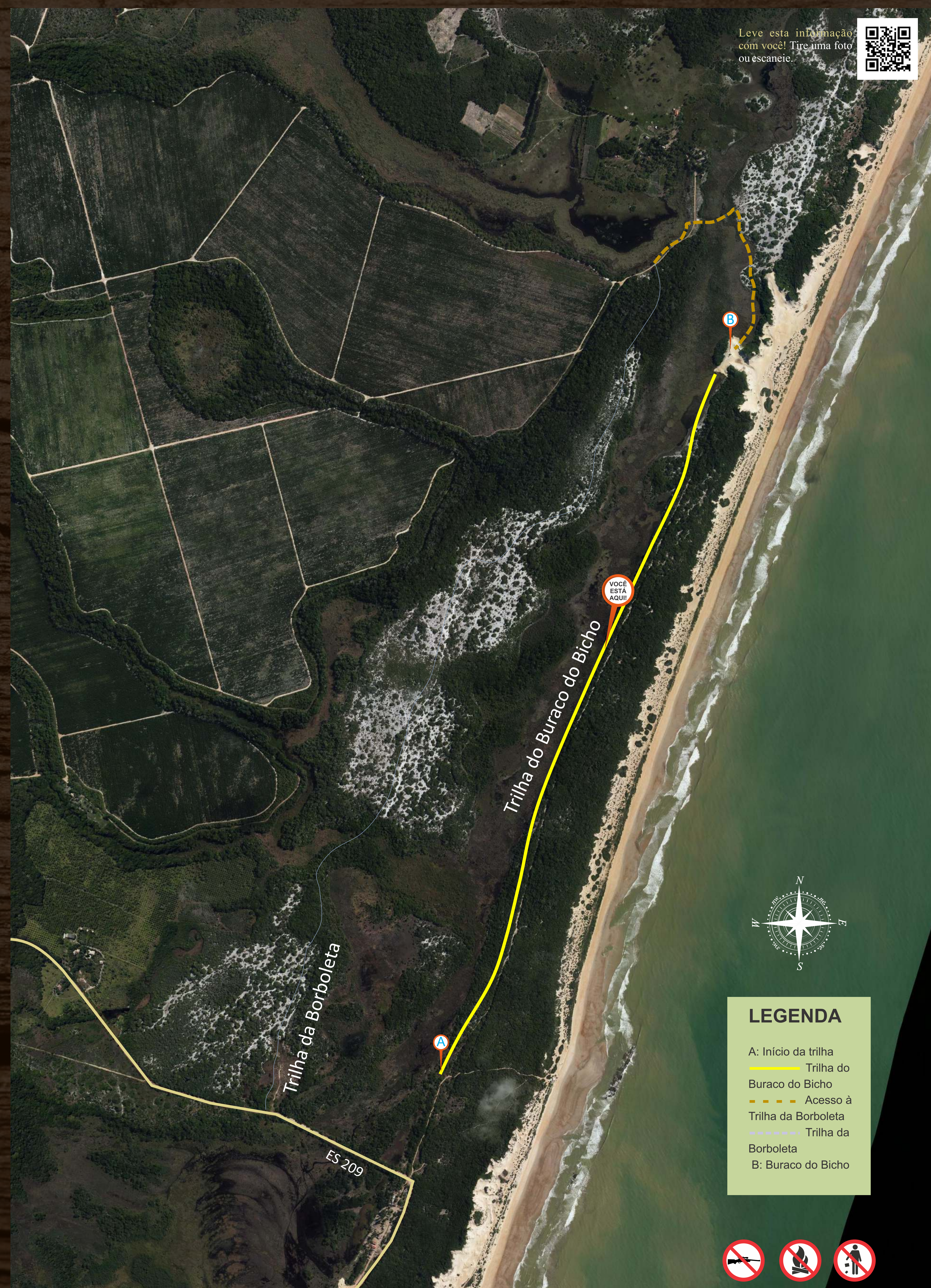
O Coroa-de-frade (*Melocactus violaceus*), uma espécie ameaçada de cacto, pode ser observada nas áreas de entre-moita.



O calango (*Tropidurus torquatus*) (imagens acima e à esquerda) se alimenta com frequência deste cacto, promove a quebra da dormência de sua semente e a dispersa pela restinga!

Contato do PEI: 27 3762-5196





Buraco do Bicho

Origem

Esta grande depressão em uma formação de dunas é conhecida como “buraco do bicho”. Assim como as dunas de Itaúnas, acredita-se que foi produzida pela ação dos ventos, após a remoção da vegetação por ação humana.

Não há registro de antigas moradias nesta localidade, mas três sítios arqueológicos no entorno do buraco do bicho podem ser a pista para desvendar sua formação. São sítios de grupos indígenas das tradições Itaipu, Tupiguarani e da fase Itaúnas, provavelmente utilizados no passado como acampamentos temporários.

Será que o buraco tem origem na ação dos indígenas da região? Ou será que a construção da linha do telégrafo, no século XIX, promoveu a retirada da vegetação e a formação das dunas do buraco do bicho? Repare que há um poste do telégrafo neste local. Bem, os antigos também nos trazem uma explicação, a seguir.

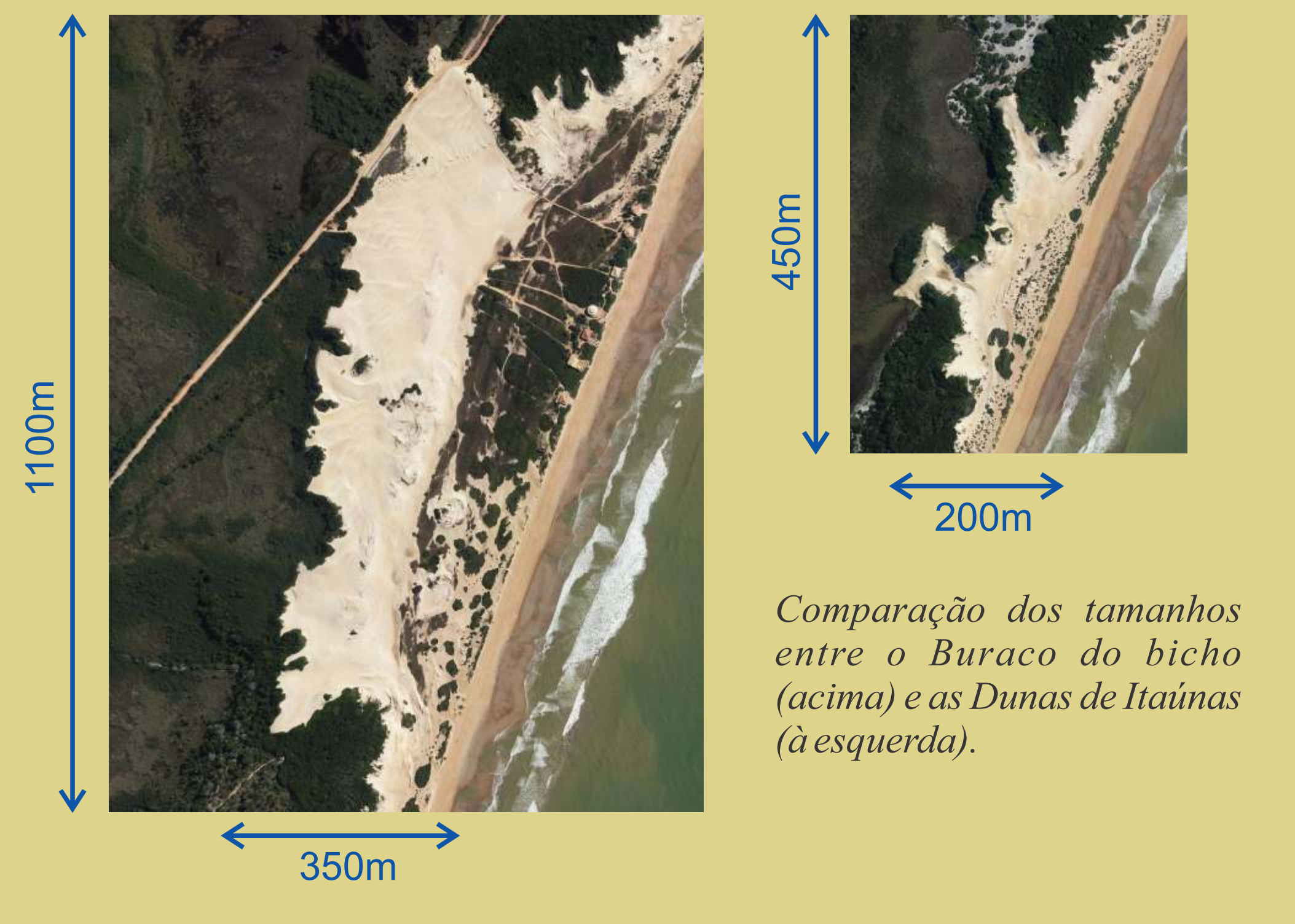


Diversas espécies de animais escavam tocas com a finalidade de refugiar-se, habitar, acasalar ou ter seus filhotes. Mas que bicho faria um buraco desses...!?

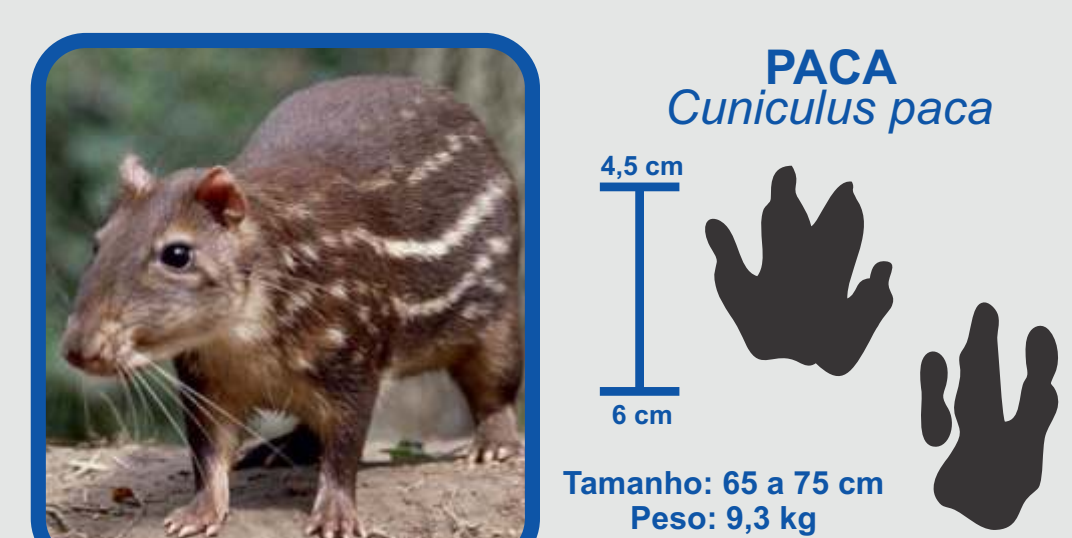
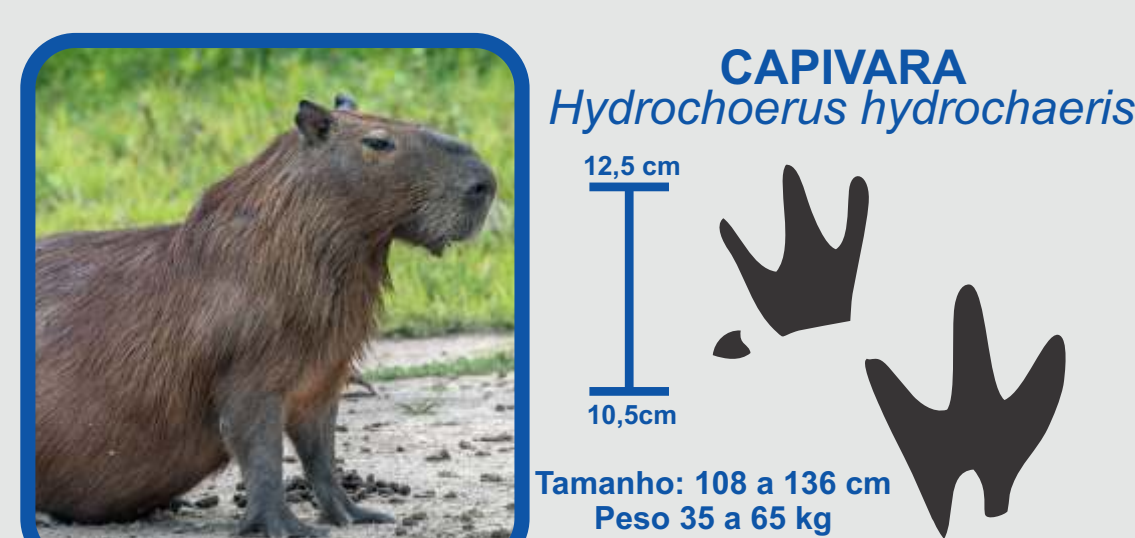
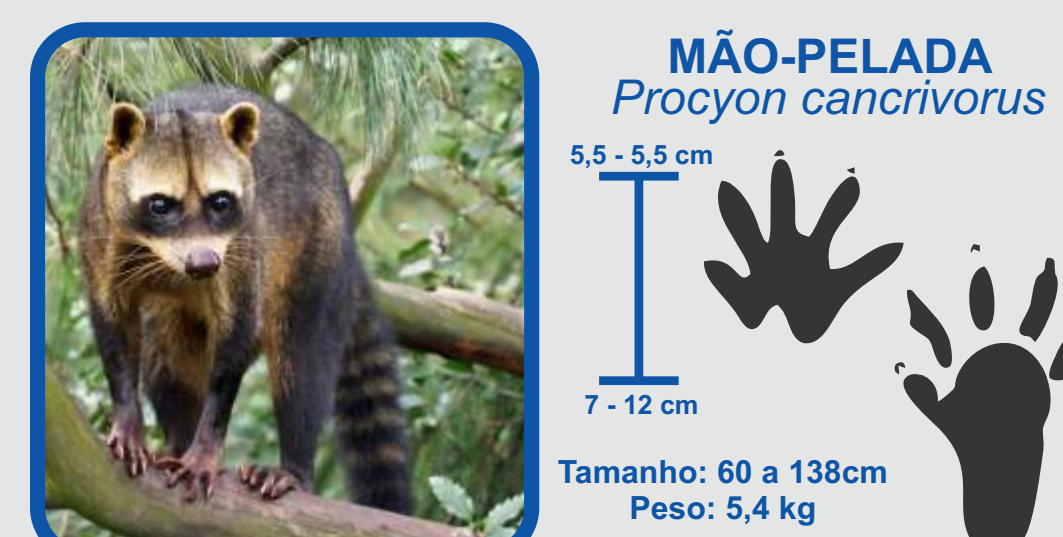
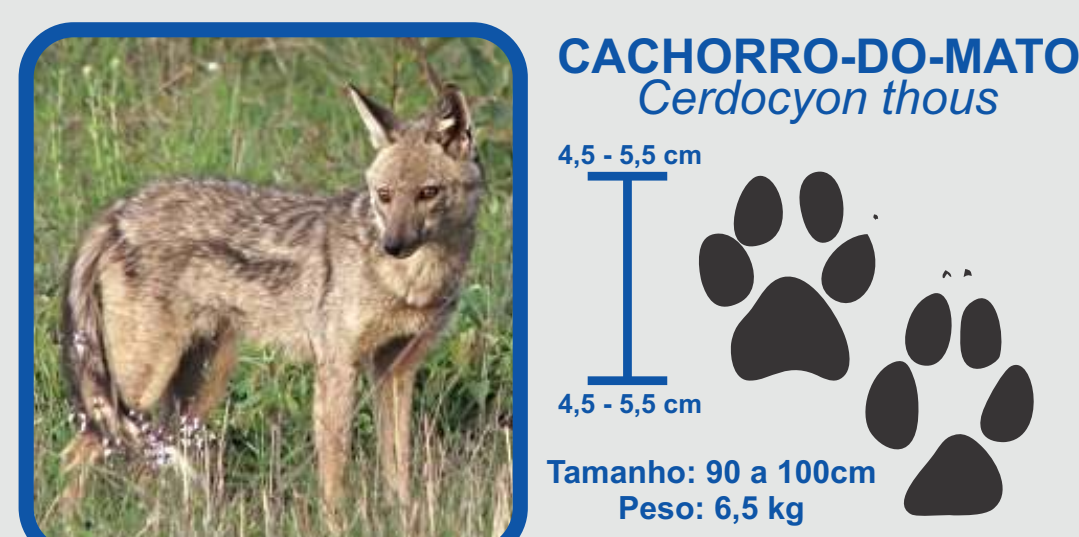
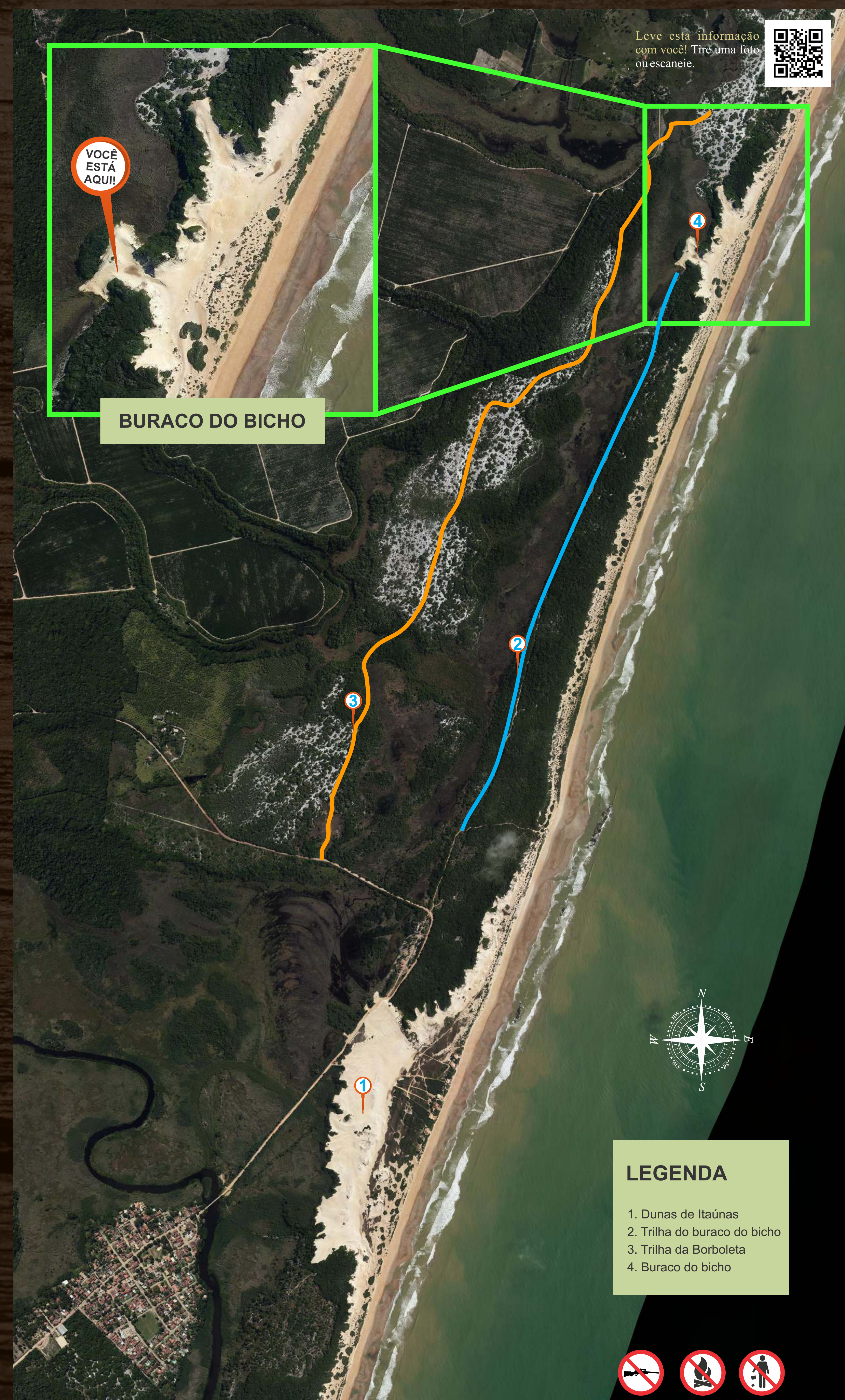
Mitos

Uma lenda local conta que um grande bicho habitava esta área. Ao cavar sua toca, ele fez o buraco que vemos à frente e lançou as areias sobre a antiga vila de Itaúnas, formando suas dunas. Os antigos também contam que uma “caveira” assustava quem passasse por esta trilha.

“Tinha um tal “buraco do bicho” e meu pai contava que quando o pessoal passava por lá, e já era noite, viam um vulto preto que parecia um padre, era um bicho em forma de padre. Era um buraco enorme e escuro que eu vi com meus próprios olhos. Dizem que de lá é que vieram as areias”. Depoimento de Dona Mariquinha, antiga moradora de Itaúnas.



E para você, qual a melhor explicação? Será que o “buraco” um dia terá o tamanho das dunas de Itaúnas?



Falando em bicho, aproveite as areias para identificar os animais que passaram por aqui recentemente, por meio de seus rastros!

(Extraído do Guia de Identificação e Rastros dos mamíferos dos Parques do ES, de Lauro Narciso e Aureo Banhos)



A restinga e o mar

Terra e mar, velhos amigos

Você já parou para pensar que continente e oceano não estão isolados? Há intensa troca de água, sedimentos, nutrientes e organismos, pelos rios, praias, pelo ar... E o local onde você está agora, um dia já foi o fundo do mar.

Por milhares de anos o mar recuou e avançou várias vezes sobre o continente. Seu recuo, também chamado de Regressão Marinha (imagem 1), criou depósitos de areia paralelos à costa, chamados “cordões arenosos”. Isso se deu no período “Holoceno” (há cerca de 5 mil anos).

A vegetação de restinga engloba o conjunto de comunidades vegetais encontradas sobre estes solos arenosos, nas planícies costeiras de origem marinha.

De maneira geral, a vegetação de restinga é rasteira próximo ao mar (formação herbácea), aumentando de porte à medida que se distancia da praia (formação arbustiva, com predominância de arbustos; e formação arbórea, com árvores e formação de dossel). Nas áreas mais baixas, entre cordões arenosos, pode haver acúmulo de água, formando brejos e lagoas (Imagens 2 e 3).

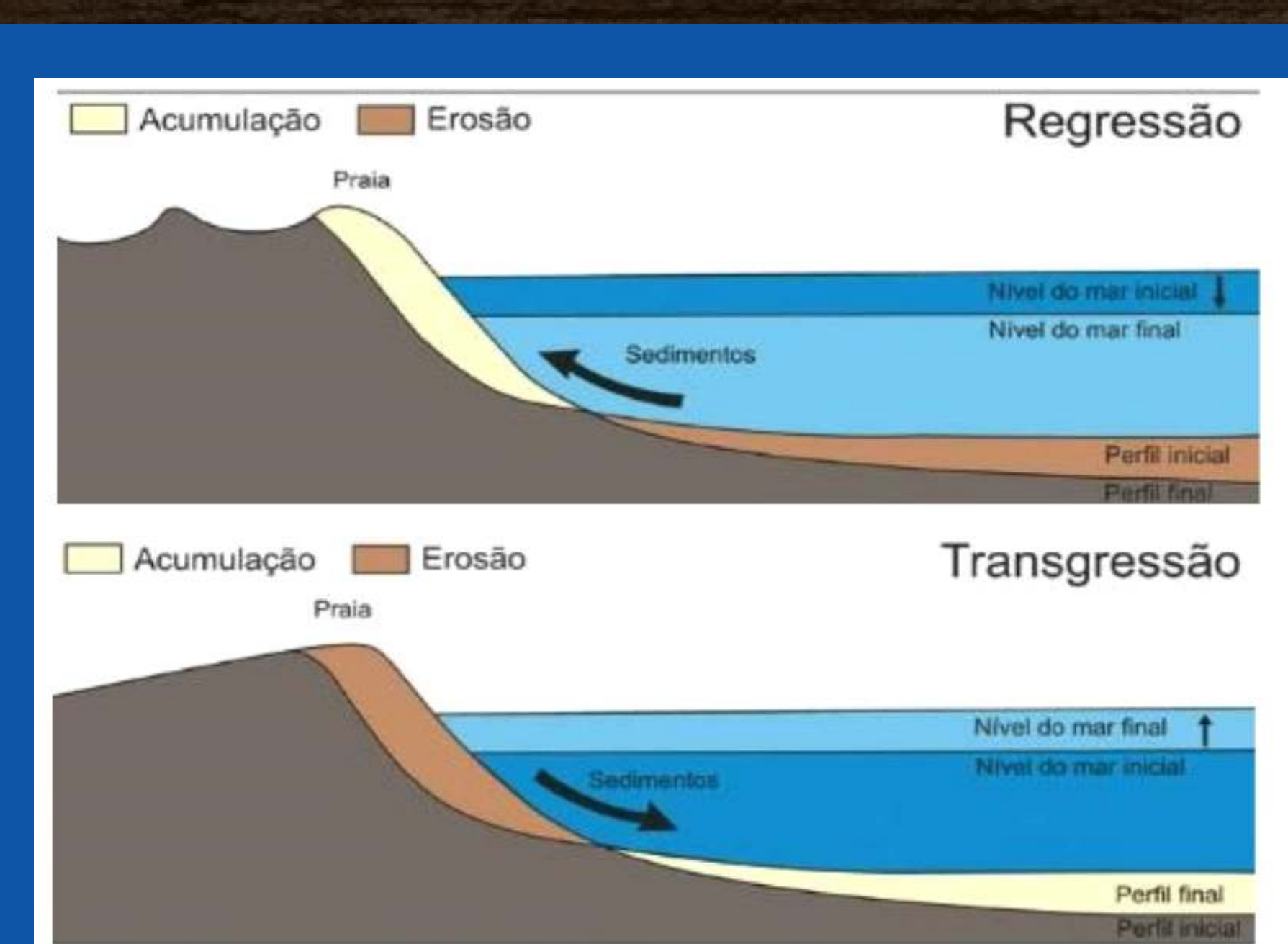


Imagem 1. Processo de regressão e transgressão marinha.
<http://igeologico.com.br/blog/2018/05/21/estratigrafia/>

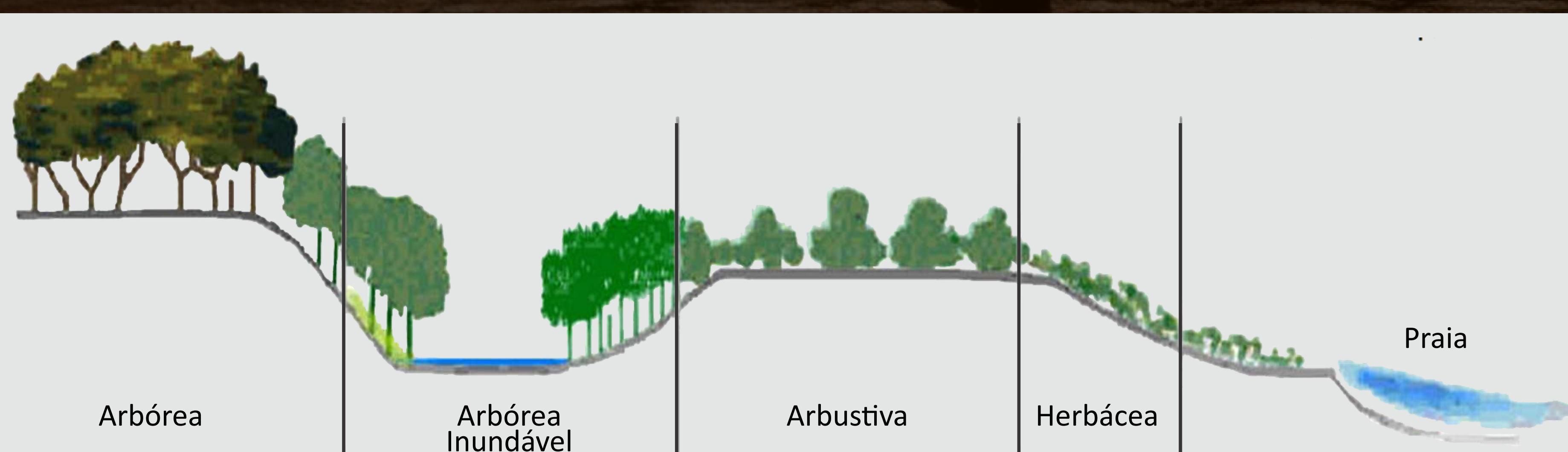
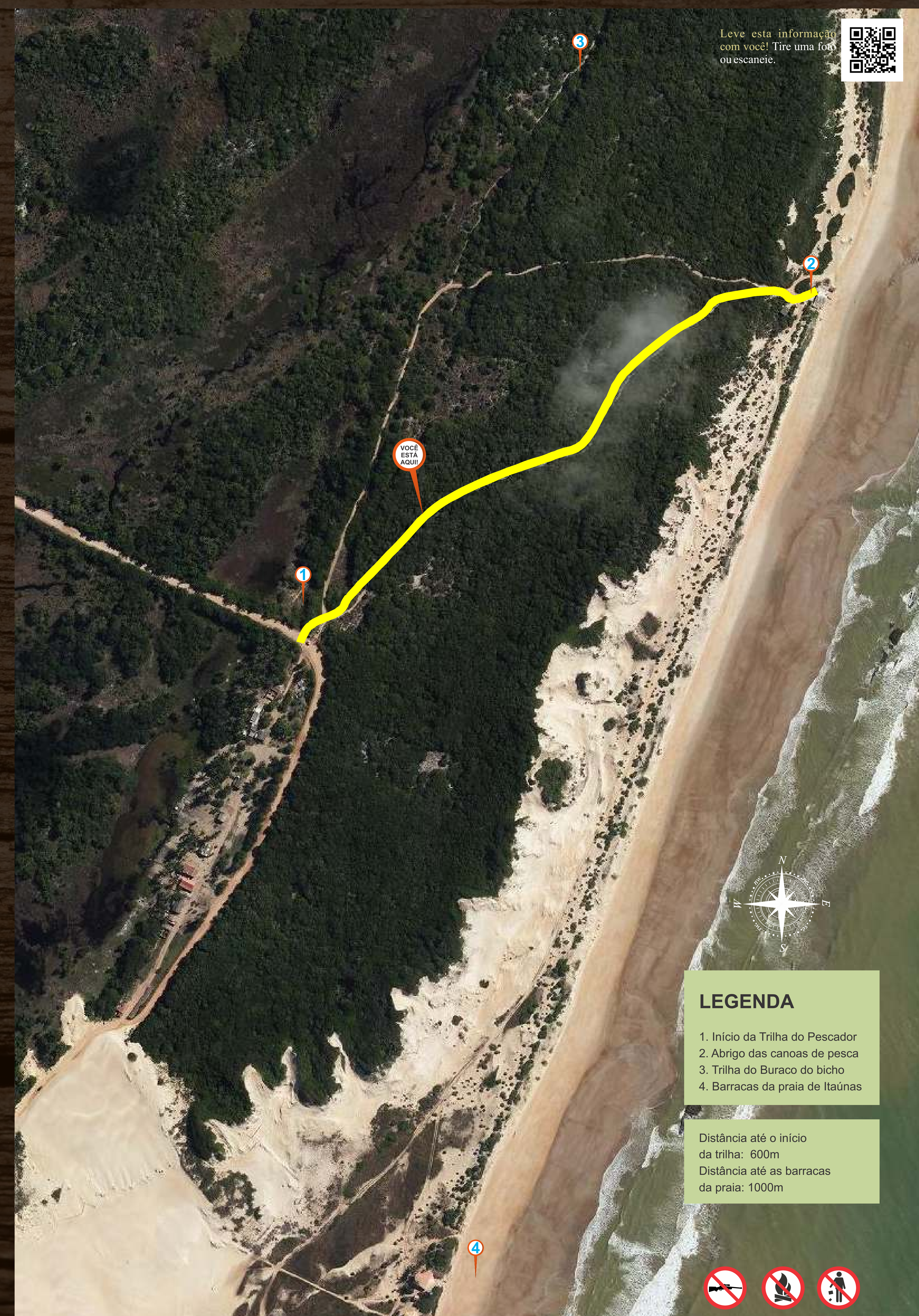


Imagem 3: Perfil da vegetação de restinga, da praia (à direita) para o interior (à esquerda), onde as formações com maior porte se estabelecem.



Imagem 2: Acima, imagem aérea da restinga na trilha do Buraco do Bicho. Abaixo, perfil esquemático da restinga. Observe o aumento do porte da vegetação à medida que se afasta da praia (da direita para a esquerda).



A Pesca Artesanal em Itaúnas

“Tradição e subsistência”

A pesca em Itaúnas é história, tradição e subsistência. Realizada de forma familiar e comunitária, utiliza canoas ou “bateiras” de madeira, produzidas na própria comunidade, conduzidas mar adentro a motor ou a remo. Os antigos moradores relatam a importância da pesca no passado e as dificuldades atuais:

“A pesca era feita de batelão, tinham uns 12 lá na vila. Eram grandes e levavam às vezes oito homens, que iam pescar lá fora. Era muito peixe. Quando chegavam na praia cada um pegava seu lote. Era roncadador, bagre, cação, pescada... Peixe dá até hoje. Mas não é mais como antigamente” (Seu Oscar)*.

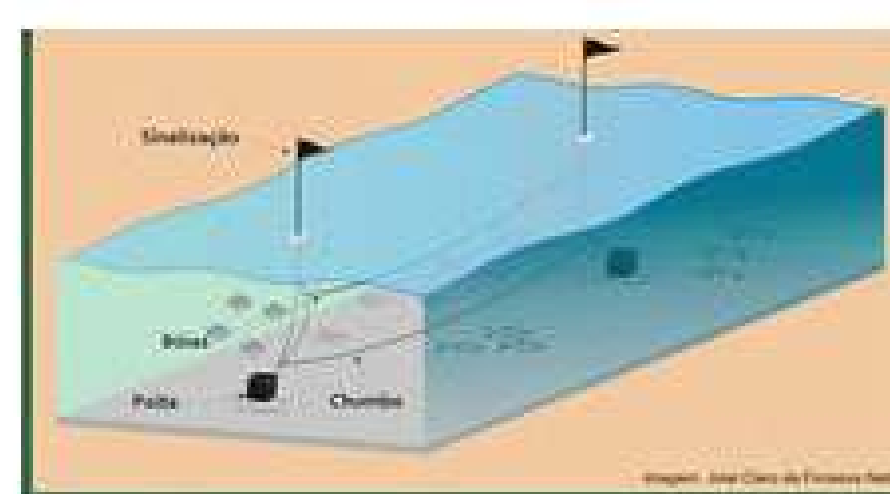
“Em 1970 a gente colocava 100 metros de rede e pegava cerca de 80 a 100 Kg de peixe. Hoje, nós colocamos aproximadamente 600 metros e pegamos de 5 a 10 Kg” (Seu Caboclinho)*.

Acredita-se que a pesca predatória, realizada por barcos de outras regiões e grandes redes de arrasto, seja o principal fator que afeta a pesca marinha em Itaúnas.

**(Entrevistas realizadas por Heloisa Dias e Rômulo Cabral, em 1985, e relatadas no Plano de Manejo do PEI)*

Alguns modos de pesca em Itaúnas

Rede de espera: o pescador mantém a rede no mar por um período até que tenha algum pescado. Ela pode ser fixa ou ficar à deriva (sem o uso de poitas). Ideal para cardumes.



Rede de espera fixa possui sinalização, boias, chumbo e poita.

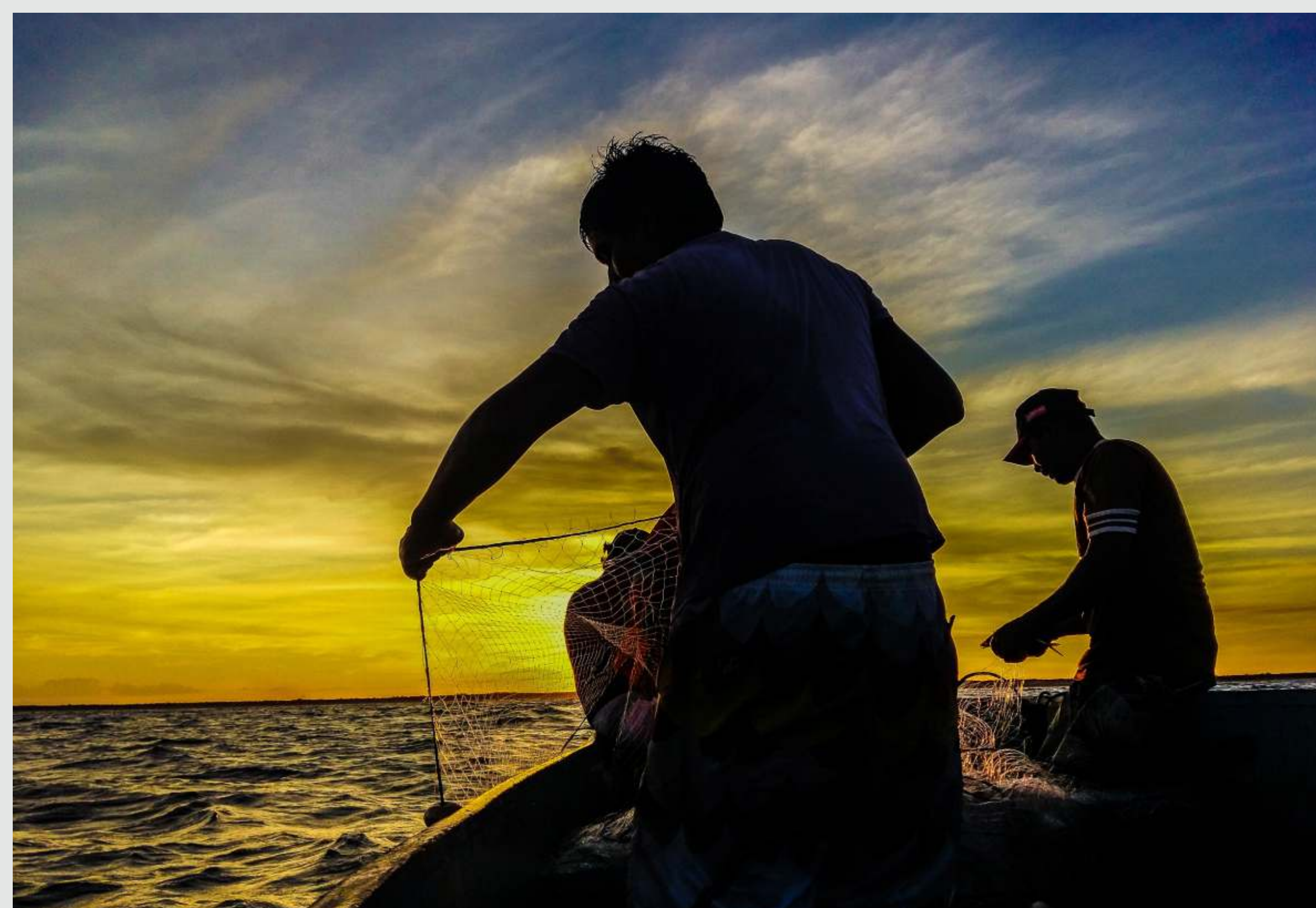
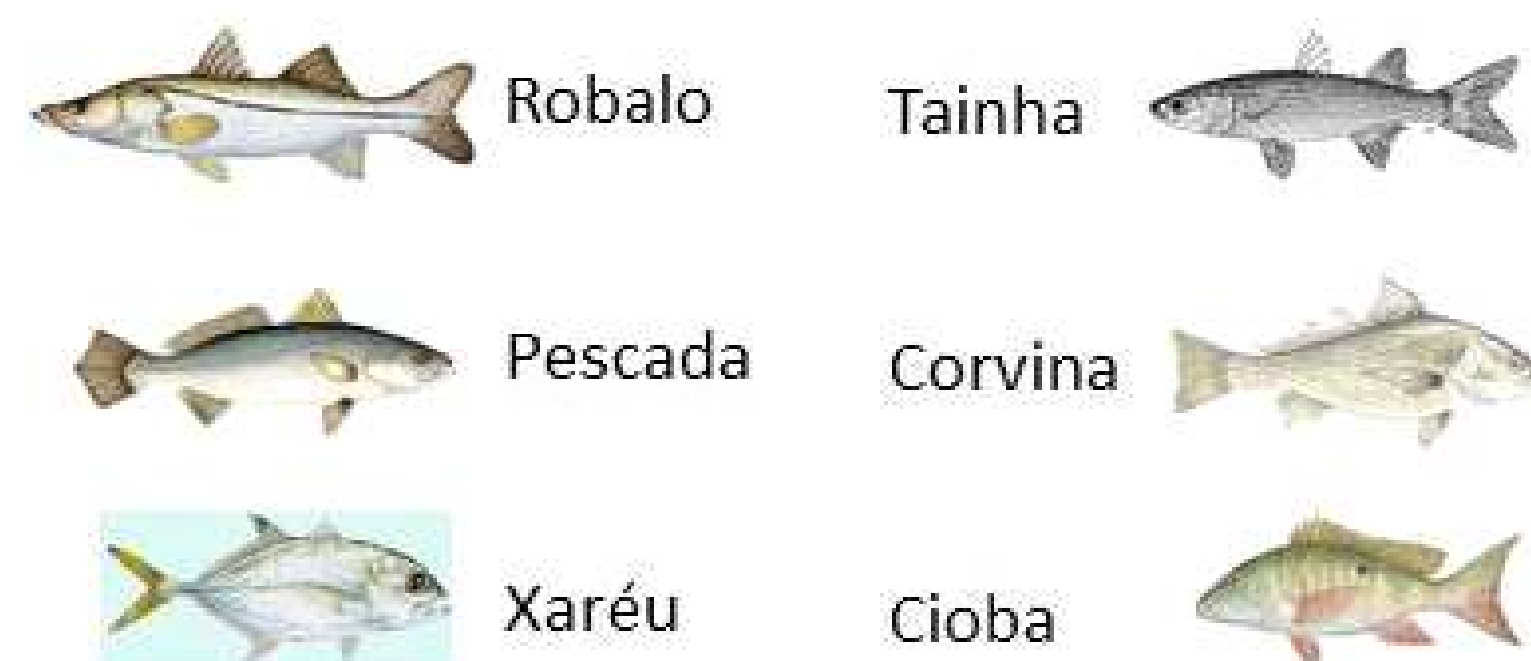


Anzol: o pescador utiliza linha presa ao anzol com isca para atrair o peixe. Ideal para espécies solitárias, como o baiacú.



Outra técnica utilizada é o espinhel, que utiliza bóias e vários anzóis em uma única linha.

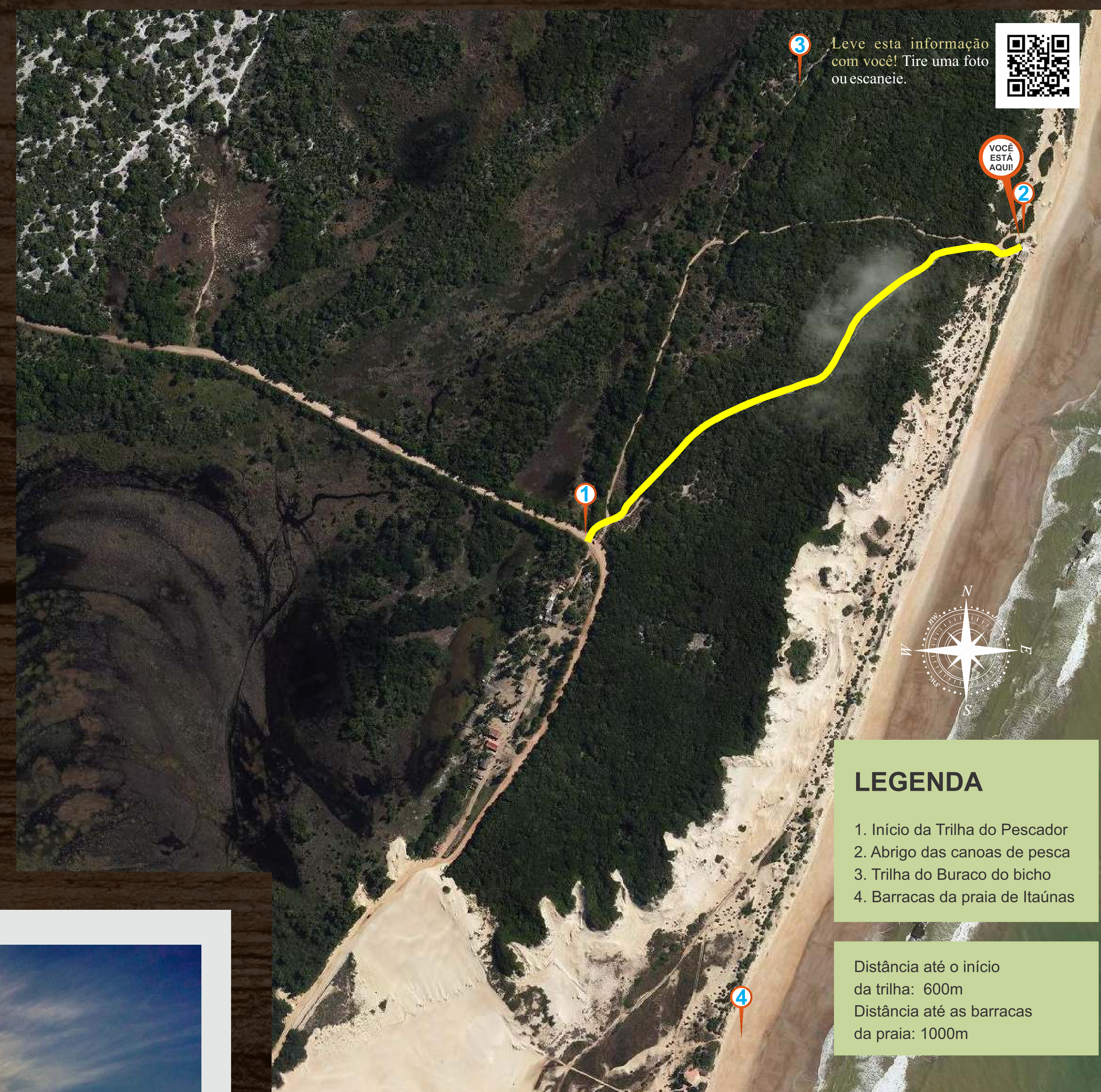
Alguns dos peixes encontrados



Imagens da pesca artesanal em Itaúnas. Fotos: Frederico Pereira

Um Alerta!

Esse lixo na praia, de onde veio? Observe com cuidado: são garrafas da China, tampinhas da Índia, frascos dos EUA... E será que o nosso lixo também viaja o mundo? Certamente! O mundo lança 25 milhões de toneladas de lixo nos oceanos todos os anos. Como mudar este cenário assustador? A mudança começa dentro de cada um: recolha seu lixo!



LEGENDA

1. Início da Trilha do Pescador
2. Abrigo das canoas de pesca
3. Trilha do Buraco do bicho
4. Barracas da praia de Itaúnas

Distância até o início da trilha: 600m
Distância até as barracas da praia: 1000m

Território da pesca

A pesca marinha se dá num território regionalizado de acordo com a produtividade e a técnica utilizada. O “mar de dentro”, mais próximo à praia, tem fundo de lama e maior concentração de peixes e camarão. É aí que se colocam as redes de espera para a pescadinha. Para se chegar no “mar-de-fora” leva-se até duas horas de bateira a remo. Ali o fundo é de cascalho e a pesca é feita de linha, para peixes como o peroá; ou com rede de malha larga, para peixes como o robalo, cação e arraia. Já na beira-mar, usa-se tarrafa e linhada.

Área protegida

O limite leste do Parque Estadual de Itaúnas encontra-se na faixa de praia. Já a área marinha é considerada parte da “Zona de amortecimento” do PEI, que abrange uma faixa de 2 km mar adentro. Esta Zona tem por objetivos minimizar os impactos sobre a área do Parque e sobre as atividades desenvolvidas em sua região, resguardando, inclusive, a pesca artesanal no mar de Itaúnas, por meio do controle da pesca industrial de arrasto de camarão.

Contato do PEI: 27 3762-5196



Floresta de Restinga

Trilha da Almésçar

“Tradição e subsistência”

Bem vindo à floresta de restinga, também chamada de “formação arbórea de restinga! Você consegue notar os diferentes “estratos” ou “andares” da floresta? No estrato baixo, próximo ao solo, temos ervas, cactos, bromélias e plantas jovens, as “plântulas”. No estrato médio, vemos arbustos e árvores jovens. No estrato alto ou “dossel”, as árvores adultas. Olhando a mata de longe, percebemos que algumas árvores sobressaem acima do dossel. São chamadas “emergentes”. Reconheça na imagem ao lado e ao longo de sua trilha a estrutura de uma floresta!

Algumas árvores permanecem por décadas no estrato médio, como jovens, até que um dia encontrem condições para crescer (ex. entrada de luz na mata) e alcançar o dossel.

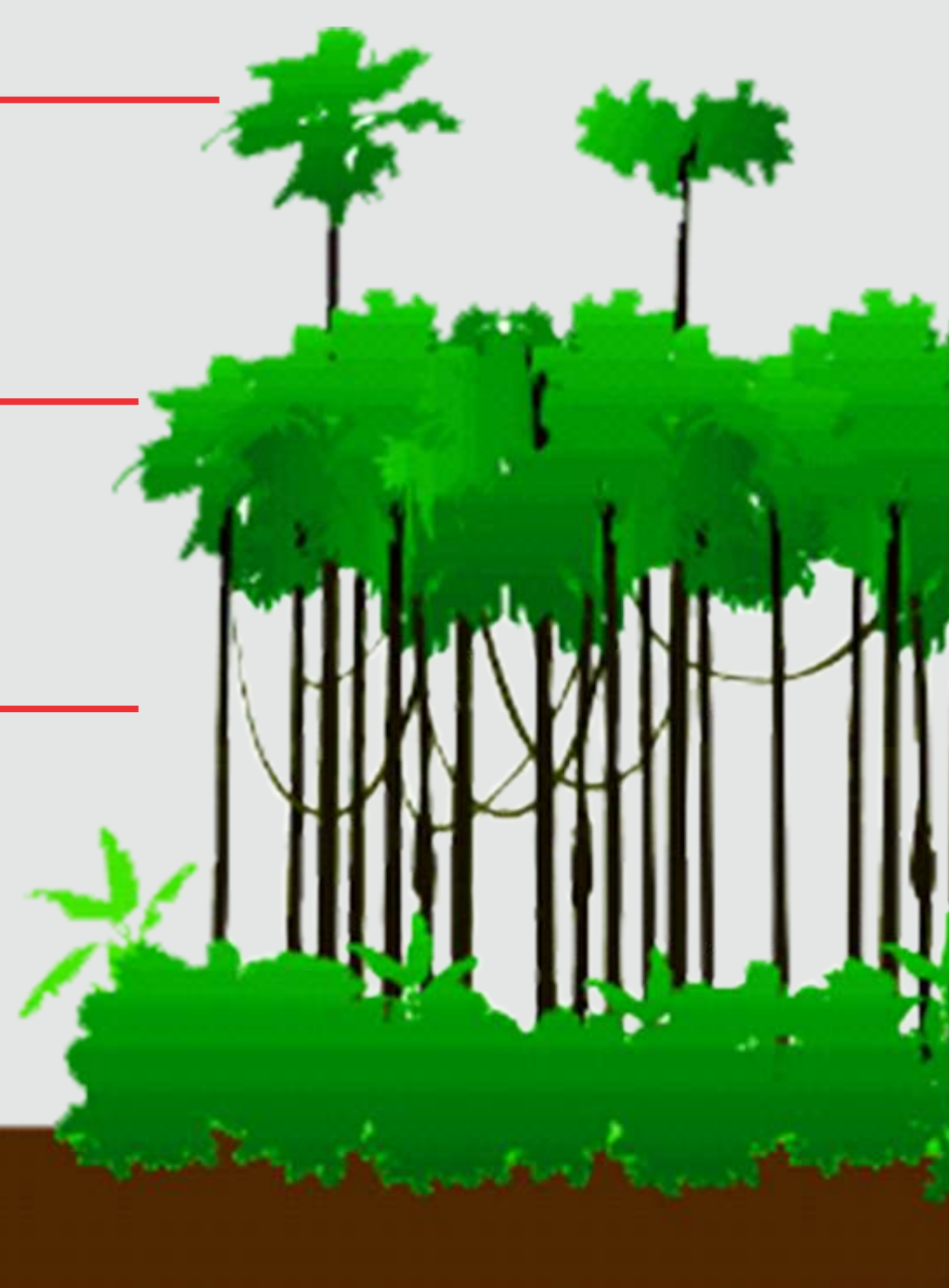
EMERGENTES

DOSSEL

ESTRATO
MÉDIO

ESTRATO BAIXO

**Floresta Tropical
Estratificação**

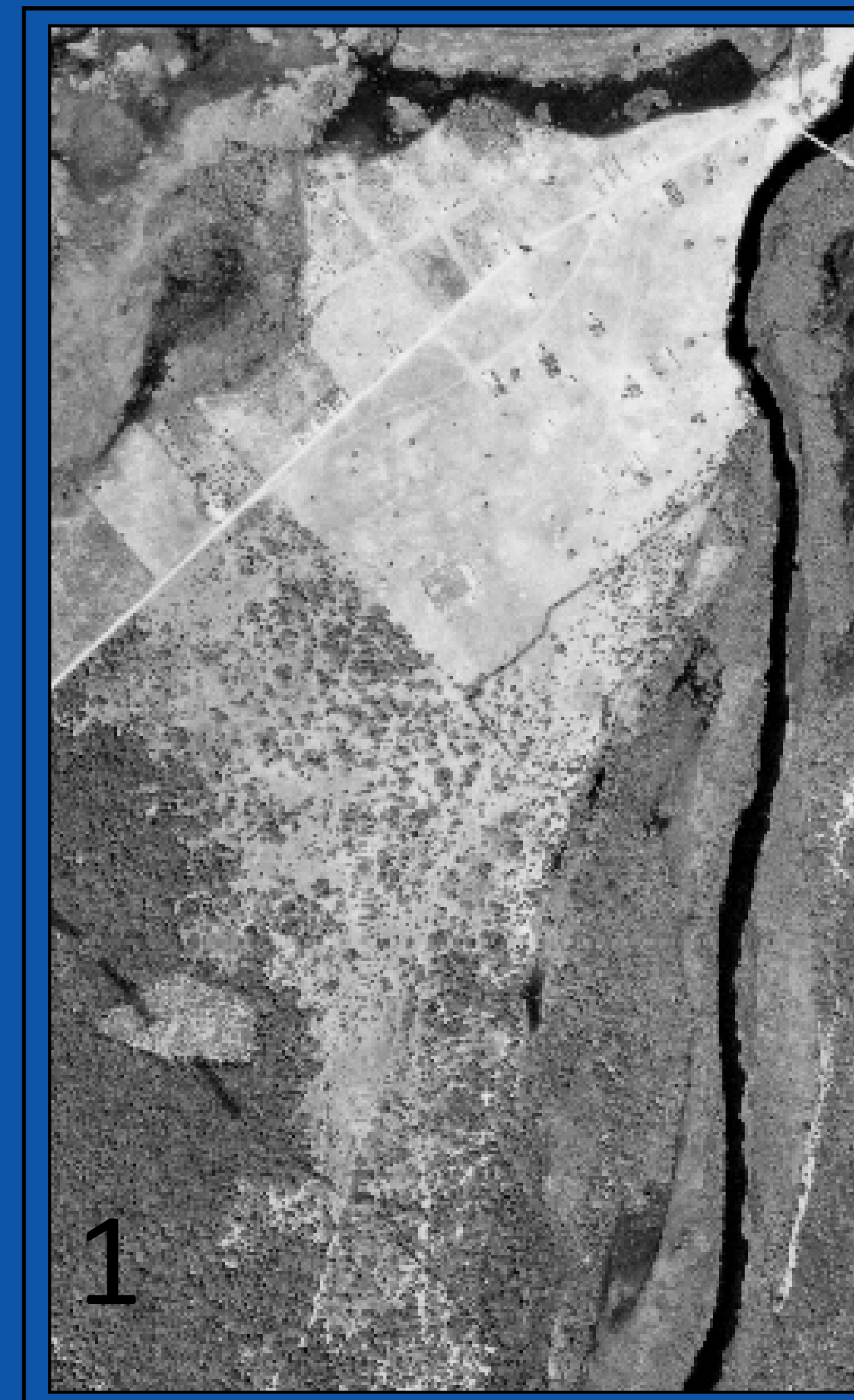


Pequena bromélia epífita, com belas flores. Há cerca de 40 espécies de Tillandsia no Brasil, e 3 espécies registradas no Parque Estadual de Itaúnas. Tente encontrá-las sobre as árvores da trilha!



*Tillandsia ou cravo-do-mato
Tillandsia sp.*

Esta floresta já foi degradada no passado (veja comparação nas imagens ao lado) e sua regeneração se deu de forma natural. Para que a regeneração natural aconteça, é necessário conter os processos de degradação, como desmatamento, pisoteio pelo gado, queimadas e extração de areia; e permitir que a natureza faça sua parte. A presença de outras áreas naturais no entorno facilita a regeneração, atuando como fonte de sementes e novas plantas.



Leve esta informação
com você! Tire uma foto
ou escaneie.



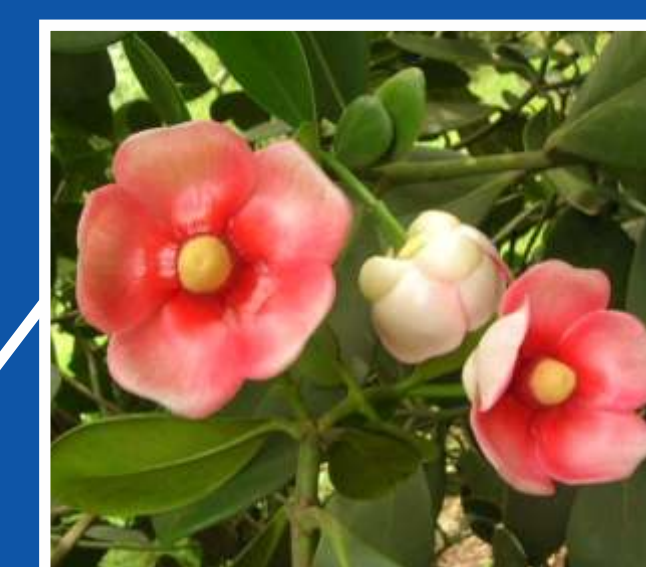
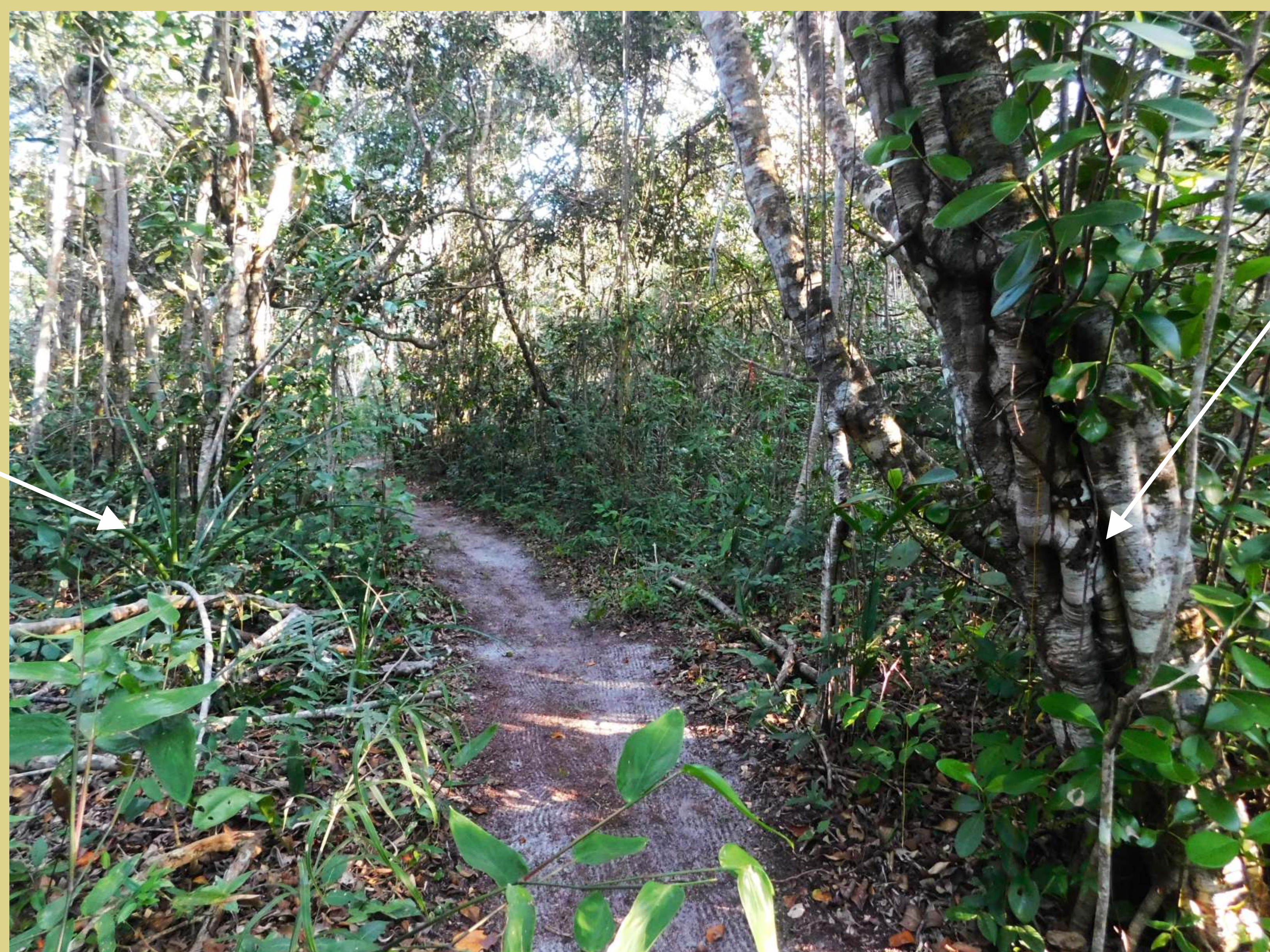
Trilha da Almésçar (em amarelo), na década de 1970 (Imagem 1) e em 2014 (Imagem 2). Com o passar dos anos, a vegetação se recuperou e formou uma bela floresta.

O Parque Estadual de Itaúnas possui áreas de vegetação bem conservadas e áreas como esta, alteradas no passado. Sua proteção possibilita a regeneração da floresta e a recolonização por espécies da fauna e flora.



Abacaxi-do-mato ou gravatá
Pseudananas sagenarius

Grande bromélia de solo, com fruto semelhante ao abacaxi, mas sem a coroa. Bromélias eram muito utilizadas como fibra para produção de peças do vestuário indígena, redes e cordas.



Clúsia ou abaneiro
Clusia hilariana

Árvore de tronco ramificado, que pode crescer sobre outras plantas, estrangulando-as. Quando cresce sobre outras plantas, suas raízes crescem do alto até o solo, como as que vemos ao lado.



Almésçar Protium Heptaphyllum

Árvore de até 18m de altura que produz uma resina utilizada como remédio analgésico e expectorante, repelente de insetos e na vedação de embarcações. Também usada por apicultores como “calmante” de abelhas: sua resina é queimada próximo à colmeia, reduzindo a agressividade das abelhas para coleta do mel. O PEI possui duas espécies de almésçar: *Protium Heptaphyllum* e *P. icicariba*, ambas encontradas nesta trilha.



Sinta o cheiro da resina
de Almésçar.



Dunas de Itaúnas

Processo de formação e manejo

Como se formaram as dunas de Itaúnas? Foi um processo natural? Muitas perguntas emergem destas areias. Com um olhar sobre a história e outro nas geociências, trazemos aqui respostas possíveis. Mas a conclusão... é sua!

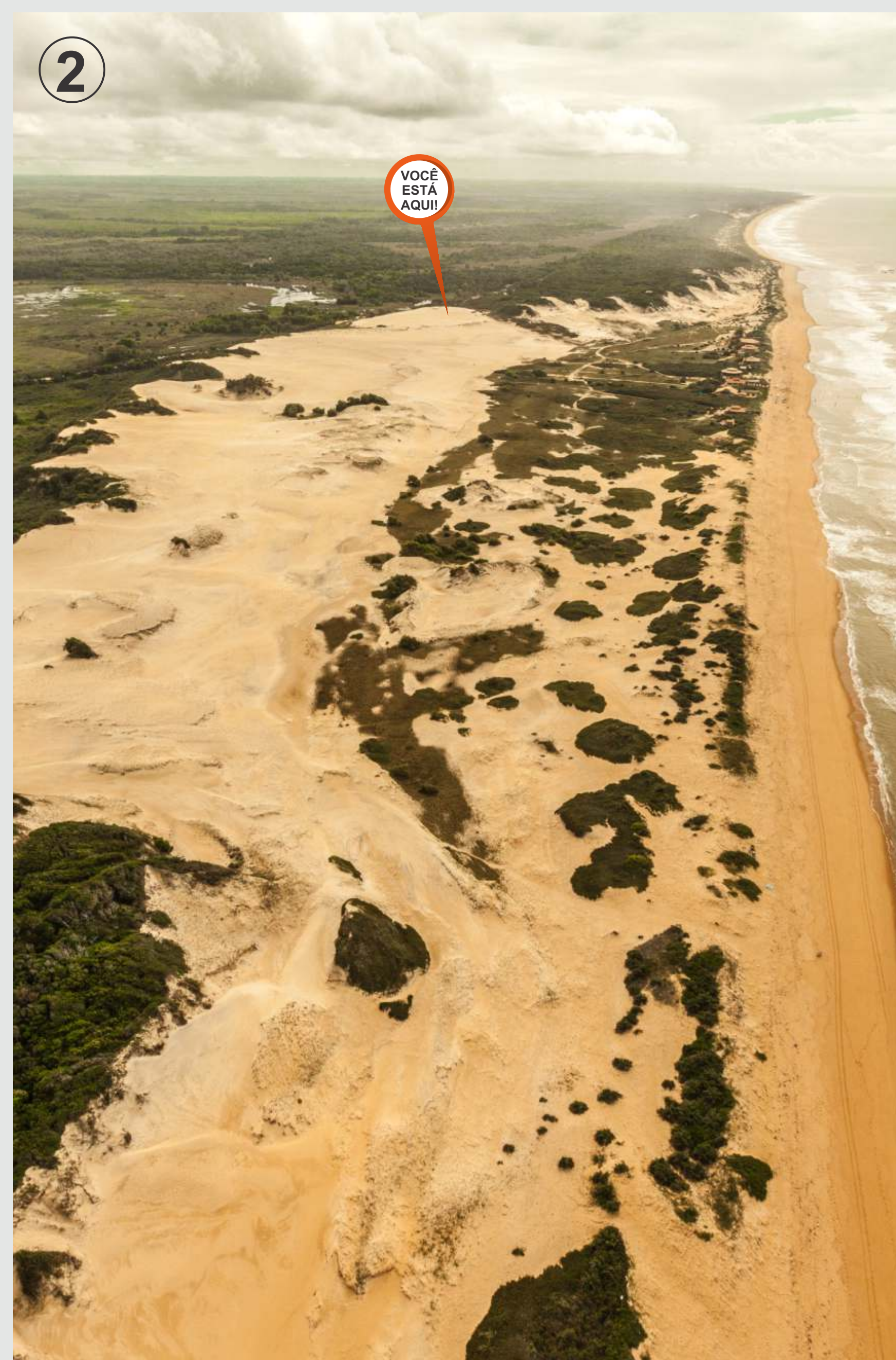
Formação das dunas

Suba num ponto alto e olhe para o norte e para o sul das dunas. Você verá, ao longo da costa do Parque Estadual de Itaúnas, uma extensa faixa de vegetação de restinga conservada. Somente aqui e no “Buraco do Bicho” vemos a formação de grandes dunas, com areias avançando até 450 metros para o interior do continente.

Nossa região costeira é formada por solos arenosos, de origem flúvio-marinha (oriunda dos rios e do mar), e a vegetação de restinga é quem fixa estas areias. Quando a restinga é removida, os fortes ventos litorâneos podem formar “dunas eólicas”, montanhas de areia transportadas pelo vento.



Restinga no litoral de Itaúnas (imagem 1), com o Buraco do Bicho ao fundo. Na imagem 2, as dunas de Itaúnas., vista do sul para o norte.



Leve esta informação com você! Tire uma foto ou escaneie.



Imagem 3: foto da década de 1970. A seta vermelha indica o avanço das dunas sobre o leito antigo do rio Itaúnas. Imagem 4: Soterramento da estrada e da planície inundável.



Impactos das dunas

O movimento das dunas causou o soterramento da antiga Vila de Itaúnas, entre 1940 e 1970. Neste período também invadiu o leito do rio Itaúnas, às margens da antiga vila, afetando a navegação e o escoamento de produtos para Conceição da Barra (seta vermelha na imagem 3).

Mais recentemente, foi responsável por soterrar inúmeras vezes a estrada que liga Itaúnas a Pedro Canário e à Bahia. E as areias já avançavam em direção à comunidade vizinha, localmente chamada de aldeia (imagem 4). Por tal razão, ações de manejo nas últimas décadas tentaram recuperar a vegetação em partes das dunas para conter seu avanço.



Imagem 5: Dunas de Itaúnas., e as áreas alvo dos plantios de recuperação da vegetação.

Plantios das dunas

Plantar sobre as areias é um grande desafio. O calor, a baixa umidade e fertilidade do solo arenoso, além dos fortes ventos litorâneos, dificultam a sobrevivência das mudas.

Os plantios de contenção das dunas se iniciaram de modo experimental entre 2010 e 2012, com um hectare, em parte das áreas 1 e 2 (imagem 5). Diversas técnicas foram testadas, como cobertura do solo com palha de côco triturado; cercas de palha para barrar o vento; e uso de hidrogel para manter umidade na raiz das mudas.

Em 2017 iniciou-se o projeto mais audacioso: recuperar 7,5 hectares em 3 trechos das dunas (áreas 1, 2 e 3, na imagem 5). Foram plantadas cerca de 60 mil mudas, de espécies nativas resistentes às condições nas dunas, como rabo-de-bugia (*Dalbergia ecastophyllum*); aroeira (*Schinus terebinthifolius*); Ipoméia (*Ipomoea pes-caprae*) e pinheiro-da-praia (*Remirea maritima*); e frutíferas como pitanga (*Eugenia uniflora*) e caju (*Anacardium occidentale*). O projeto foi viabilizado por meio da “compensação ambiental” de uma empresa licenciada pelo IEMA.



Rabo-de-bugia



Aroeira



Pinheiro-da-praia



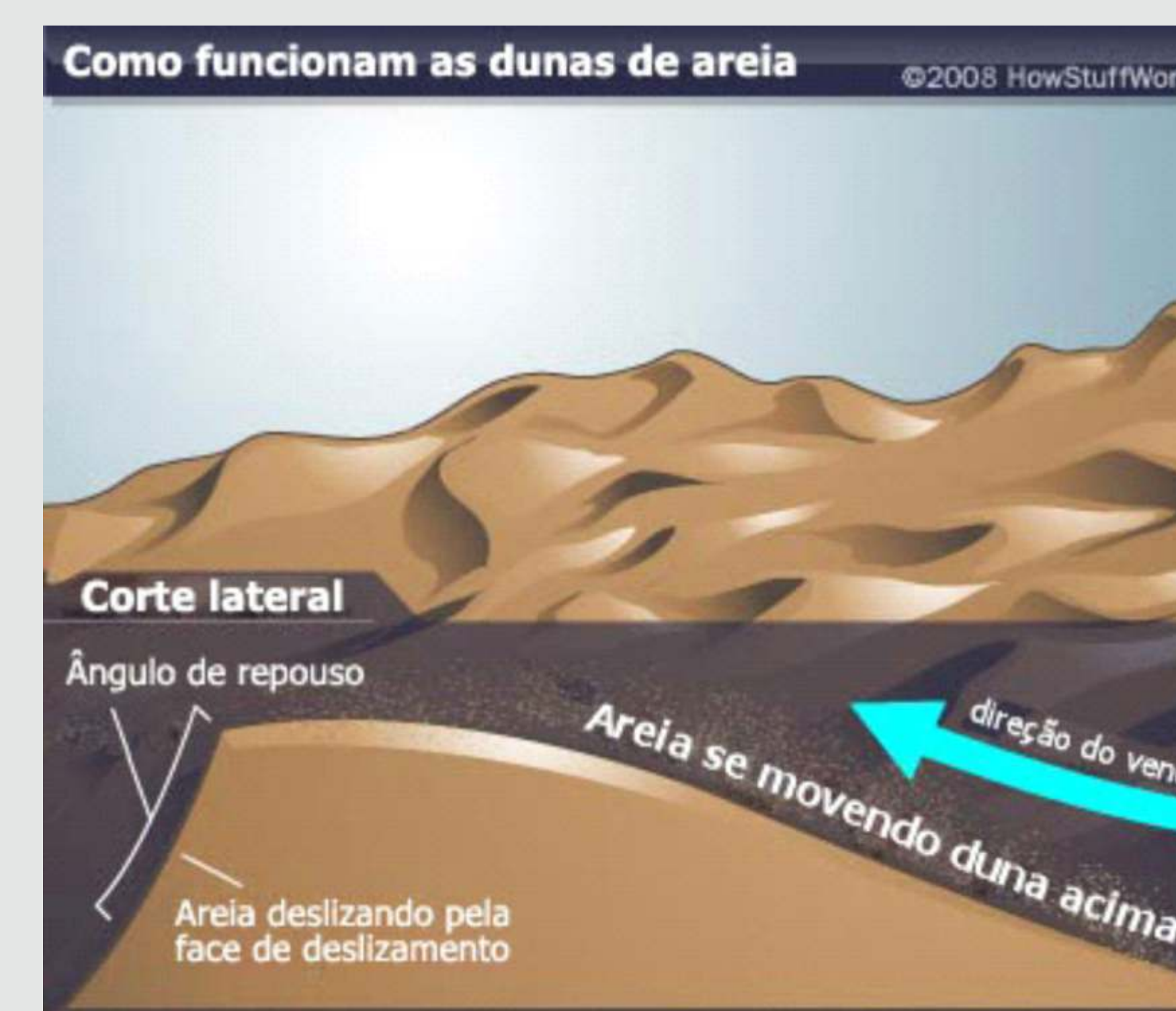
Ipoméia



Plantio nas dunas



Irrigação voluntária



A duna inicia seu movimento quando o ângulo de repouso (inclinação) atinge cerca de 34°. Retirar areia da frente da duna (chamada sotavento) aumenta seu ângulo, fazendo com que areia deslize e as dunas se movimentem. No passado, a retirada das areias da estrada causava este processo. Hoje, os plantios contribuíram para estabilizar o avanço das areias sobre a estrada.

Contato do PEI: 27 3762-5196



Antiga Vila de Itaúnas



Legenda das Imagens: 1 (ao centro): Planta da antiga vila. 2: Casa de Mané Maia, sendo soterrada. 3: A vila, sendo soterrada. 4. Idem, com as dunas alcançando a Igreja velha, à esquerda. 5: Grupo de Ticumbi diante de residência. 6: Grupo de Ticumbi diante da Igreja velha. 7: Imagem do rio Itaúnas e do porto da antiga vila. 8: Igreja nova e casa de Teófilo Cabral, à direita na foto.

Leve esta informação com você! Tire uma foto ou escaneie.



Você conhece a história da antiga Vila de Itaúnas, soterrada sob estas areias? Aprecie um pouco dessa história!

Início da ocupação em Itaúnas

O norte do Espírito Santo já foi ocupado por diversos grupos indígenas, dentre eles os Tupiniqim, os Botocudos, os Mashacali e os Pataxós. A primeira documentação histórica de Itaúnas que conhecemos foi feita pelo príncipe e naturalista alemão Maximilian Wied-Neuwied em 1816 e 1817. Nesta época, Itaúnas já era "(...) uma fazenda de criação, com um curral ou cercado para o gado, e uma miserável choupana para negros e índios que tomam conta dos animais". "O proprietário reunira, aí, algumas famílias de índios, para com o tempo formarem uma colônia; destinava-se a princípio, a proteger a costa contra os tapuias e Itaúnas, é por isso, considerado um quartel" (Wied-Neuwied).

Já em 1872, segundo censo do Império, a região de Itaúnas possuía 691 moradores livres e 91 escravos. Sua economia baseava-se na fabricação de farinha de mandioca, no plantio de café, na exploração de madeira e no comércio local. Já a vila de Itaúnas possuía mais de 400 moradores e 90 casas.

Quem nos conta mais sobre essa história são os antigos moradores:

"A farinha era produzida nas casas de farinha, (...) 12 a 15 mil sacas por ano, (...) e era transportada para Itaúnas em lombo de burro ou cavalo. A comercialização era feita diretamente com os comerciantes da Vila, em geral num regime de "troca" por itens como tecido, sal, fumo, cachaça e artigos de armarinho".

O rio Itaúnas era navegável desde morro Dantas (hoje Pedro Canário) até sua foz,

na Guaxindiba. Pelo rio se escoava a farinha, em grandes canoas; e a madeira descia em balsas, feitas com as próprias toras das árvores. "Fazia barraca em cima (da balsa). Fazia comida. Do morro Dantas até a Barra, tinha quando levava mês" (Raihvil).

"Nas ruas haviam grandes árvores frondosas como castanheiras (chapéu de sol) e gameleiras. As casas eram bem feitas, embora fossem de estuque; eram rebocadas e assoalhadas. O local da igreja era a parte mais alta da Vila" (Gilda Benso, Piquitita).

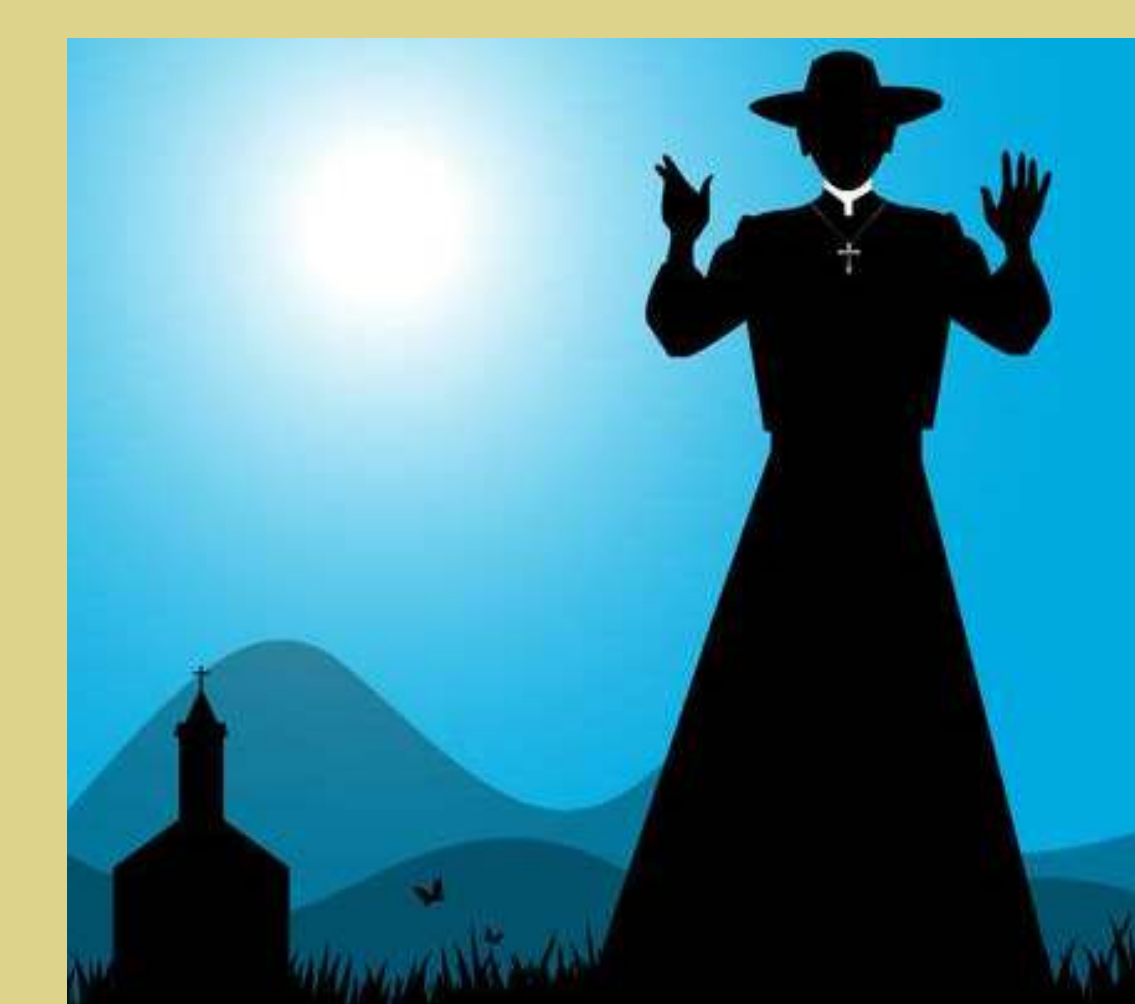
As festas de São Benedito e São Sebastião já eram comemoradas, com as brincadeiras que até hoje se perpetuam em Itaúnas: a congada do Ticumbi, o Alardo e o Reis-de-boi.

Até que veio o desastre: a vila de Itaúnas foi engolida pelas areias que hoje chamamos de dunas, num processo que durou 30 anos, de 1940 a 1970. Os antigos moradores da

nos deixaram seus relatos:

"Era um processo lento, foi aumentando, crescendo devagar. Depois o finado Dodô Soares, fiscal da prefeitura, derrubou uma matinha que tinha na frente, mais ou menos uns 8 quilômetros, que segurava o vento. Daí o vento encanou mais, e o morro foi crescendo. Já tinha tapado o cemitério altura boa. Depois aterrou a igreja. O movimento das areias é decorrência do vento do nordeste, que sopra constante" (Quidinho).

"Então começou a criar aqueles morros por detrás da igreja que ninguém ligava. Primeiro criou por detrás do cemitério. (...) Foram obrigados a mudar o cemitério. Aí começou a cobrir a igreja e o povo foi obrigado a mudar o santo (São Sebastião) pra uma casa grande que tinha na rua de baixo. A areia arrebeitou a igreja toda e disse – Eu tô como quero! Foi atacando, foi entrando na Vila adentro. Isto no início da década de 50" (Antero).



A praga do padre

Há muitas lendas sobre a origem das dunas. Uma delas conta que foi praga do santo padroeiro da vila, São Brás, por ter sido trocado por São Sebastião. Uma segunda versão diz que foi a maldição de um padre. Conta-se que ele trocara o padroeiro local, São Benedito, um santo negro, por São Sebastião. O povo pregou-lhe uma peça, trocando o vinho sagrado da missa por cachaça. Depois disso, o padre deixou a vila e rogou-lhe uma praga. E vieram as areias.

Contato do PEI:
27 3762-5196

